

MENINOS BONS DE BOLA: TRANSMASCULINIDADES EM QUADRA

Julian Pegoraro Silvestrin¹

Alexandre Fernandez Vaz²

Resumo

Propomos neste texto pensar sobre "práticas esportivas dissonantes", ou seja, aquelas que rompem com a normatividade instituída de esporte, segundo sugere Wagner Camargo, a partir de reportagens veiculadas *online* sobre a equipe de futsal de homens trans Meninos Bons de Bola (MBB). A emergência de sujeitos trans na prática esportiva a transforma e levanta questões como a ocupação do espaço público de lazer por corpos dissonantes. O potencial disruptivo do futsal do MBB suscita possibilidades outras de prática esportiva, levando-nos a pensar a necessidade de novos modelos de esporte e ampliando a noção do que faz um corpo.

Palavras-chave: Transmasculinidades; Esporte; Futsal/Futebol; Corpos Dissonantes; Meninos Bons de Bola.

Meninos Bons de Bola: transmasculinities on the Sport Court

Abstract

We propose in this paper to think about the "dissonant sports practices", it means, those practices that break the established normativity of sport, so Wagner Camargo. We take in count online reports about the transgender men's futsal team Meninos Bons de Bola (MBB – *Good player guys*). The emergence of trans subjects in sports practice transforms the sport branch and raises questions such as the occupation of public leisure space by dissonant bodies. The disruptive potential of MBB futsal raises other possibilities for sports practice, leading to think about the demand for new sports models and expanding the notion of what a body does.

Keywords: Transmasculinities; Sport; Futsal/Soccer; Dissonant bodies; Meninos Bons de Bola.

Introdução

Este texto foi elaborado a partir de uma fala no "III Simpósio de Futebol: Nossa América em Campo", em dezembro de 2018, na Universidade Federal de Santa Catarina, organizado pelo Núcleo de Antropologia Audiovisual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC).

¹ Julian Pegoraro Silvestrin – Doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), bolsista CAPES-DS. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC). Email: juliampsilvestrin@gmail.com

² Alexandre Fernandez Vaz – Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Programa de Pós-Graduação em Educação (UFSC). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC/UFSC). Pesquisador CNPq. E-mail: alexfvaz@uol.com.br

Embora fosse um simpósio sobre futebol, consideramos uma equipe de futsal para levantar questões sobre corporalidades transmasculinas que não se restringem a essa modalidade, mas, pelo contrário, atravessam a prática esportiva de maneira mais ampla e conseqüentemente refletem na ausência de atletas trans no próprio futebol³.

No contexto da mesa "Corpo, Gênero, Sexualidade e Moral no Futebol" elencamos pontos para pensar o cenário esportivo a partir da emergência de sujeitos trans. Partimos da busca de notícias e matérias online sobre a equipe de futsal Meninos Bons de Bola (MBB). Através da plataforma de busca do Google, encontramos dez textos publicados entre os anos de 2016 e 2018. Destes, alguns se repetem, pois apenas republicam conteúdo que já havia saído em outro veículo, outros apresentam informações vagas sobre o time ou são compostos apenas por um título e chamada para o material em vídeo. Optamos por selecionar aqueles materiais cujo enfoque está na narrativa escrita e fotográfica, permitindo-nos discorrer sobre a emergência dos sujeitos transmasculinos como parte de um time esportivo e assim chegamos ao número de oito publicações, sendo duas em jornais internacionais. Somam-se a elas dois textos de um portal acadêmico de futebol (Ludopedio)⁴ que ampliam o recorte temporal em mais um ano, até 2019, e que serão acionados ao longo do texto.

As matérias nacionais anunciam os Meninos Bons de Bola como a primeira equipe de futsal (ora de futebol) de homens trans no Brasil e as reportagens internacionais⁵ os apontam como o primeiro do mundo. Exaltam ideias de inclusão, superação de preconceitos e acabam delimitando o esporte como ferramenta de subjetivação transmasculina; elementos que abordamos no colóquio frisando que partem de representações midiáticas sobre essas corporalidades.

³ Um ano depois daquela fala – mais precisamente em 29 de janeiro de 2020, dia da Visibilidade Trans no Brasil – foi anunciada em programa da televisão aberta a transição de gênero de Marcelo Leandro, detentor de três títulos mundiais com a seleção brasileira feminina de futsal e um título brasileiro com o Corinthians no futebol de campo, que interrompia a carreira para começar a hormonioterapia. Em primeira pessoa ele se apresenta e narra sua história e diz que se voltar para o futebol, será para o futebol masculino. Disponível em: <<https://interativos.globoesporte.globo.com/sp/futebol/materia/a-metamorfose>>. Acesso em 05/04/2020.

⁴ <<https://www.ludopedio.com.br/>>. Acesso em 05/04/2020.

⁵ BOON, Jon. Life goals: Meninos Bons de Bola are the world's first transgender men's football team, and live in fear of being attacked. The Sun, 2018. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/sport/football/7232102/transgender-football-team-meninos-bons-de-bola/>>, acesso em 05/05/2020; MONTES, Silvia. Meninos Bons de Bola, el primer equipo de fútbol masculino transexual del mundo. AS Tikitakas, 2018. Disponível: <https://as.com/tikitakas/2018/09/14/portada/1536927455_856745.html>. Acesso em 05/05/2020.

Passados quase um ano e meio retomamos ao texto com outra proposta, ainda que sigamos pensando sobre as transmasculinidades no futsal/futebol. Trata-se agora de nos concentrarmos na precariedade dos corpos (BUTLER, 2018) e na necessidade da construção de modelos outros de esporte que podem se dar por meio do potencial disruptivo dessas práticas dissonantes realizadas por corpos e corporalidades também dissonantes (CAMARGO, 2016).

O time

Meninos Bons de Bola é o nome de um time paulistano de futsal amador formado por homens trans. Ele surgiu em 2016, da vontade de um desses homens (que quando mais jovem jogou em categorias de base do futebol profissional) de reunir outros homens trans, já que percebia que faltava espaço e ações que reunissem esses sujeitos. Contando com o apoio de uma psicóloga do Centro de Referência em Defesa da Diversidade (espaço de acolhimento e assistência a pessoas LGBTQ+ em São Paulo), onde também trabalhava, marcou um primeiro encontro chamando pessoas transmasculinas para jogar futebol⁶ e conversar sobre suas experiências. A divulgação foi feita via mídias digitais (em redes sociais como Facebook e WhatsApp)⁷. O primeiro encontro reuniu cerca de trinta homens trans, dos quais alguns decidiram manter a atividade com frequência.

O uso das ferramentas digitais nos remete à própria emergência do sujeito homem trans no cenário nacional. Essas mídias cumprem um papel importante na organização política desses sujeitos no Brasil que passam a lutar por visibilidade e conquista de direitos e políticas públicas, alcançando maior expressividade também de sua auto-identificação (ÁVILA, 2014; REPOLÊS, 2017).

A equipe é amadora e participa de amistosos e pequenos torneios como convidada na modalidade futsal e algumas vezes na de *futebol society*. As partidas acontecem geralmente em eventos culturais voltados à celebração e afirmação da diversidade LGBTQ+. O time também é frequentemente chamado para dar seu depoimento em mesas e rodas de conversa em eventos de

⁶ Futebol é a palavra mais utilizada tanto nas falas dos jogadores como no próprio texto das matérias. Parece que a modalidade futsal só aparece porque o jogo se dá na quadra, como se a escolha pela modalidade se desse pela delimitação do espaço.

⁷ O PRIMEIRO TIME DE HOMENS TRANS DO BRASIL: conheça os Meninos Bons de Bola, Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2018. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/o-primeiro-time-de-trans-do-brasil-conheca-os-meninos-bons-de-bola/>>. Acesso em 29/04/2020.

diferentes propostas, tais como: população LGBTQ+ e esporte, masculinidades e suas intersecções etc. Como é uma equipe amadora, os jogadores não vivem do futsal, têm suas profissões e o time é mantido com “vaquinhas” e apoios externos, como o empréstimo da quadra do Sindicato dos Bancários e Financieiros de São Paulo, Osasco e Região para treinos e jogos.

Anualmente a equipe também organiza um festival para comemorar seu aniversário, convidando agremiações masculinas, gays, femininas, lésbicas, mistas (que colocam em quadra conjuntamente jogadores e jogadoras) ou ainda inclusivas (compostas por pessoas que se identificam das mais diversas formas, muitas vezes extrapolando os binarismos de sexo, gênero e orientação sexual), em que todos disputam partidas sem distinção de categoria. Essa organização coloca em jogo um princípio básico do esporte: a pretensão pela igualdade formal de chances, tema que será retomado mais adiante. A terceira edição do evento, em outubro de 2019, contou com a participação de mais dois times transmasculinos, o “Transversão F.C.” e “Os T Mosqueteiros”, todos de São Paulo e fundados igualmente em 2019, de forma semelhante ao MBB (a partir de um encontro marcado via redes sociais para jogar futebol e compartilhar experiências de transição com pessoas que se identificassem com a proposta).

Alguns dos jogadores do MBB, além do fundador do time, têm alguma experiência anterior no futebol feminino, outros nunca até então haviam jogado e encontram ali essa oportunidade. Futebol e transmasculinidade propiciam laços sociais e são os dois signos acionados na convocação à união ao time. A prática esportiva aparece como aliada na transição de gênero, atividade física, espaço de lazer, lugar de fortalecimento de laços e autoestima, mais que o mero competir em uma modalidade⁸. Ao fim de cada treino se faz uma roda de conversa com a presença da psicóloga, momento em que se trabalham questões relacionadas à convivência no time e às experiências de transição.

⁸ Expressões que aparecem nas reportagens, ora atribuídas aos jogadores entrevistados, ora por quem assina a matéria, como na seção esportiva do Estadão: GONÇALO JUNIOR, Meninos Bons de Bola, o primeiro time transgênero do Brasil. Estadão, 2017. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,meninos-bons-de-bola-o-primeiro-time-transgenero-do-brasil,70002063749>>; ABREU, Isabel; UTIDA, Mauro. Primeiro time de homens trans do Brasil ganha respeito nas quadras. Mídia Ninja, 2018. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/primeiro-time-de-homens-trans-do-pais-reafirma-seu-direito-a-pluralidade/>>; ALENCAR, Edgar; GRANADO, Mariane. Conheça o Meninos Bons de Bola: primeiro time formado por transgêneros no Brasil. Globo Esporte, 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/conheca-o-meninos-bons-de-bola-primeiro-time-formado-por-transgeneros-no-brasil.ghtml>>, dentre outros. Acessados em 29/04/2020.

A transição de gênero diz respeito às construções corporais e subjetivas a partir do reconhecimento de que os sujeitos se identificam com outras corporalidades que não aquela que lhes foi atribuída biopoliticamente ao nascer (geralmente associando o gênero à genitália)⁹. Frequentemente se pensa – e as matérias que trazemos aqui de certa forma o reafirmam – que a transição é sinônimo de uso de hormônios sintéticos (neste caso, a testosterona) e intervenções cirúrgicas (como retirada de mamas), como se houvesse um protocolo a ser seguido (e muitas vezes as políticas de saúde instituem esse protocolo) ou um lugar de chegada obrigatório que teria como referência o corpo cisgênero idealizado. Mas, embora a transição parta necessariamente de um corpo em direção à outra corporalidade, as formas com que percebemos e performamos gênero e experienciamos o corpo não cabem nesses protocolos. Isso não significa dizer que as possibilidades são infinitas, pois são limitadas dentro de um horizonte disponível psíquica e culturalmente, mas seria errado simplificar ou reduzir a transição a um mero passar de um gênero a outro fazendo uso de tecnologias farmacológicas e cirúrgicas.

Nas experiências de socialização em quadra, trocando passes ou conversando, o MBB também aparece como um espaço de empoderamento semelhante ao que Mariane Pisani (2014) observou no futebol feminino ao falar de mulheres das periferias paulistanas que driblam preconceitos, situações de risco e de vulnerabilidade por meio de suas práticas no futebol. A propósito, uma das equipes que Pisani acompanhou se chamava “Guerreiras Futebol Clube”, que é o adjetivo vinculado aos Meninos Bons de Bola em algumas reportagens: um “time de guerreiros”¹⁰.

O esporte valoriza a superação recorrendo à formação do herói; aquele que, não sem enfrentar dificuldades, luta pelo domínio da matéria (do corpo), do material (dos gestos, da bola) (GONÇALVES; VAZ, 2017), pela vitória contra algum adversário, quer o oponente se encontre na esfera do jogo, quer esteja na esfera social. Mas, nesse contexto, “ser guerreiro” no enfrentamento das dificuldades sociais nos alerta para a romantização da superação. De certa forma, responsabiliza-se esses sujeitos pela saída da situação de vulnerabilidade que não é uma condição meramente individual, tampouco a-histórica.

⁹ Na mesma linha de pensamento, Repolês (2017) tece um trabalho interessante sobre experiências de trânsito de gênero como possibilidade de desejo.

¹⁰ PEREIRA, Felipe. Time de guerreiros. UOL Esporte. Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/time-de-guerreiros.htm#idealizador-foi-violentado-para- virar-mulher>>. Acesso em 29/04/2020.

O próprio lema da equipe “Nosso corpo em quadra é arte e ativismo” estampa as matérias¹¹ como chamada e ilustração a tentativa de superar preconceitos à qual a equipe é diretamente relacionada. Gonçalves e Vaz (2017), ao considerarem o esporte como artefato estético em analogia à obra de arte, afirmam que o corpo é matéria para a obra esportiva. Pensando nisso o corpo dos Meninos compreendido como arte enquanto em quadra poderia estar fazendo alusão ao famoso futebol-arte brasileiro. Mas, aqui nos parece mais interessante pensar o corpo como construção de alguma expressividade, elemento de criação de narrativa que presentifica, materializa algo, nesse caso, experiências esportivas transmasculinas.

O lema nos remete também ao estatuto do corpo na reivindicação política. Butler (2018, p. 121), a partir de Levinas e Arendt, entende que “o aparecimento limitado e vivo do corpo é a condição de estar exposto ao outro”, e essa exposição aponta para sua precariedade, que marca também nossa vulnerabilidade às agressões e à destruição.

A precariedade parte do corpo, mas não se encerra nele porque não se dissocia das condições políticas, econômicas, históricas em que aparece. Da mesma forma “a vulnerabilidade não se reduz a uma particularidade ou uma disposição episódica de um corpo distinto, mas é, na verdade, um modo de relação que repetidas vezes coloca algum aspecto dessa distinção em questão.” (BUTLER, 2018, p. 144).

Deste modo observamos que as matérias relatam preconceitos e violências que os jogadores já haviam sofrido, agressões e injúrias transfóbicas dentro e fora da quadra. A equipe chegou a treinar em espaços públicos de lazer, como no Parque da Juventude, mas sob intimidações e ameaças de usuários (majoritariamente homens cisgêneros heterossexuais) que não queriam compartilhar as quadras com homens trans, não permitindo que o espaço fosse ocupado¹². A expulsão dos corpos trans do espaço público marca a negação da condição de cidadãos desses corpos; a cidadania e, portanto, o acesso à cidade, pressupõe um corpo cis.

¹¹ ABEL, João; STAVRACAS, Yoanna. Conheça o 1º time de homens transexuais do Brasil. Contraponto, 2017. Disponível em: <<http://agemt.org/contraponto/2017/09/24/conheca-o-1-time-de-homens-transexuais-do-brasil/>>. Acesso em 29/04/2020.

¹² PINTO, Maurício Rodrigues. Meninos Bons de Bola: arte e ativismo em quadra, construindo a visibilidade trans no futebol, 2019. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquivobancada/meninos-bons-de-bola-arte-e-ativismo-em-quadra-construindo-a-visibilidade-trans-no-futebol/?fbclid=IwAR2BiftQdKFNdUaXtmVUgp0C09izthzqPd-DJfB54h0FkpRNZqh40SLHp0>>. Acesso em 27/04/2020.

Todos esses episódios demandam o corpo como expressão de ativismo trans, demarcando a dinâmica relação entre vulnerabilidade e resistência. Assim, os Meninos, ao exporem seus corpos em quadra, fazem política e demarcam sua resistência ao mesmo tempo em que insistem em existir, negociando com as interdições que os atravessam.

Butler (2018) pergunta em que condições os corpos em assembleia nas ruas são motivo de comemoração. Uma resposta é a frase dita por um dos jogadores do MBB: “Fico feliz aqui hoje porque meu corpo pode existir nesse espaço”¹³. O espaço a que se refere é a Praça Charles Miller, em frente ao Estádio do Pacaembu, em São Paulo. A ocasião foi o “Festival Ocupa Pacaembu”, realizado pelo Museu do Futebol em parceria com coletivos de artistas, ativistas e times de futebol das periferias, em 2017. No evento também se homenageou o primeiro aniversário do MBB. Conjugar o ativismo com e a partir do corpo, ocupando o espaço público e o futebol, pode ser uma manifestação de celebração da vida. O que não é qualquer coisa, já que a afirmação de que ali um corpo pode existir alerta para o fato de que em outros locais ele não pode. Isso é grave, pois o direito à vida e à existência digna é formalmente assegurado aos cidadãos deste país. Uma vida digna advém de relações no espaço público e pressupõe o reconhecimento das diferenças e o coexistir. Uma vez que observamos os corpos na quadra como um ato político de resistência, cabe também pensar o potencial disruptivo da prática em relação a uma normatividade esportiva (CAMARGO, 2016). Isto é, como a presença de times e jogadores trans pode levar o próprio esporte a ser repensado.

O esporte institucionalizado se caracteriza por postular igualdade formal de oportunidades entre jogadores/as e na lógica dessa pretensa igualdade classifica-se separadamente homens e mulheres em categorias masculina e feminina, respectivamente. Entretanto, essas categorizações não abarcam a diversidade dos corpos e experiências (sejam trans ou cisgêneras) nas arenas esportivas.

O principal argumento utilizado na regulação dos corpos trans nas competições esportivas tem a ver com a suposta superioridade das mulheres trans em relação às cisgênero, o que se daria devido à maior taxa de testosterona presente nesses corpos, considerados masculinos e, portanto, de desempenho superior. Há um erro fundamental nessa preocupação: corpos de mulheres trans não

¹³ CAMARGO, Wagner Xavier. Ocupa Pacaembu: futebol de rua, arte, vivências, 2017. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquivobancada/ocupa-pacaembu/>>. Acesso em 27/04/2020.

são corpos masculinos/de homens. A estrutura anatômica dos corpos cis não é a única possível e corpos trans não são desvios ou cópias de corpos cis, mas também corpos legítimos, assim como são legítimas as mudanças que acontecem nesse organismo em decorrência de reposição hormonal e outras intervenções (PEÇANHA, 2016).

Outra questão elementar é que dentro da própria categoria feminina os corpos de mulheres cis são diversos e o controle hormonal é limitador também para elas. Ao longo da Guerra Fria intensificou-se a preocupação com a masculinização das mulheres no âmbito esportivo e diversas políticas foram ao longo do tempo formuladas como estratégias de controle e regulação desses corpos, dentre as quais estão os “testes de verificação de gênero” (TEIXEIRA; VAZ, 2014), que conferiam o sexo pelas lentes cisgêneras. Estratégias discriminatórias trazem à tona casos como o da corredora de meia-distância sul-africana Caster Semenya, que ao vencer a prova de 800 metros rasos do Mundial de Atletismo de 2009 teve seu sexo e gênero questionados, sendo afastada das pistas enquanto realizava exames que comprovassem que estava apta a competir na categoria feminina. Concluiu-se que seu corpo produz “mais” testosterona e seria preciso nele intervir para que ela seguisse competindo. Estabelece-se uma associação direta de taxa de testosterona mais elevada com doping, o uso de substâncias que podem aumentar o desempenho de atletas e não são permitidas pelas regulações esportivas.

Tamburrini (2006) argumenta contra três razões que geralmente são mobilizadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), pela Agência Mundial Antidoping (WADA) e por outras organizações esportivas internacionais para defender o controle antidoping. A primeira é que o doping é prejudicial à saúde de atletas, mas é sabido que o desempenho esportivo de alto rendimento está longe de ser saudável, visto as elevadas cargas de treinamento e desgaste aos quais os corpos são submetidos. A segunda é de que o doping é injusto porque os atletas que escolhem não fazer uso dele não têm as mesmas chances dos que o usam, o que fere o preceito fundamental de igualdade formal de chances. Neste ponto, faz uma crítica ao esforço que os órgãos reguladores dispõem em forjar normas gerais para punir violações, ao passo que fracassam por não considerar as particularidades sociais e éticas de cada comunidade esportiva. A terceira razão é que o doping vai contra uma ideia de natureza e de espírito esportivo,

mas ele não só é compatível com, como também encarna o espírito competitivo do esporte de alta competição.

Nessa seara, embora seja feito o controle hormonal das atletas trans a partir do crivo da ciência (cis)heteronormativa, pelo menos nas últimas Olimpíadas (no Rio em 2016) deixou de ser exigida a cirurgia de mudança de sexo como condição para a participação das pessoas trans, ao passo que para os atletas transmasculinos já não há restrições. Essas regulações que permitem maior controle sobre os corpos das mulheres (cis e trans) mantêm a estrutura binária e hierárquica de gênero, fundante de uma sociedade heteronormativa, ou seja, que tem a matriz heterossexual¹⁴ (naturalização de uma suposta coerência entre sexo-gênero-sexualidade) como estruturante das normas sociais.

O MBB e seus jogadores não estão no nível de competição e dinâmica esportiva que rege as performances e normativas olímpicas. De qualquer forma, o esporte de alta performance é modelo para as práticas esportivas, mesmo as amadoras, tanto que são as suas normas as evocadas em matérias que noticiam a existência da equipe, como pode ser visto na matéria da seção esportiva do portal UOL: “O que FIFA, CFB e COI têm a dizer”¹⁵.

Em algumas reportagens¹⁶ os jogadores falam do sonho de participar dos *Gay Games* (jogos conhecidos popularmente como “Olimpíadas Gays”) como o primeiro time de homens trans. Os *Gay Games* são jogos que surgiram na cidade de São Francisco (Estados Unidos), em 1982, com a proposta de inclusão e celebração da diversidade sexual no esporte (sendo inclusive criticados pela nomeação gay representar apenas uma parcela dessa diversidade). Eles acontecem a cada quatro anos e estão entre os grandes eventos esportivos mundiais, apesar de nele não competirem apenas atletas profissionais.

Ao etnografar os *Gay Games* e outros jogos LGBTs, acompanhando-os de 2008 a 2011, Camargo (2012) observou a dificuldade de incluir as pessoas trans nas categorias de gênero por

¹⁴ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

¹⁵ PEREIRA, Felipe. Time de guerreiros. UOL Esporte. Disponível em: <<https://www.uol.esporte/especiais/time-de-guerreiros.htm#idealizador-foi-violentado-para- virar-mulher>>. Acesso em 29/04/2020.

¹⁶ BOON, Jon. Life goals: Meninos Bons de Bola are the world's first transgender men's football team, and live in fear of being attacked. The Sun, 2018. Disponível em: <<https://www.thesun.co.uk/sport/football/7232102/transgender-football-team-meninos-bons-de-bola/>>, acesso em 05/05/2020; O PRIMEIRO TIME DE HOMENS TRANS DO BRASIL: conheça os Meninos Bons de Bola, Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2018. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/o-primeiro-time-de-trans-do-brasil-conheca-os-meninos-bons-de-bola/>>, acesso em 25/04/2020.

sua auto-identificação e acesso aos banheiros e vestiários. Em pelo menos uma ocasião, uma equipe tailandesa de voleibol – composta apenas por mulheres trans, mas compreendidas como gays – competiu na categoria masculina (CAMARGO; KESSLER, 2017). Embora sua performance seja páreo para qualquer outro time independentemente da categoria, as corporalidades que a compõem se tornam dissonantes também ali. A existência de competições específicas para atletas LGBTQ+, portanto, tampouco garante que as especificidades e diversidades de identidade de gênero serão compreendidas e respeitadas.

Cabe lembrar que a existência de competições exclusivas não sugere imposição restritiva a esses e a essas atletas. Devem ser encaradas como mais uma possibilidade para quem, por conta de sua sexualidade ou identidade de gênero, já foi excluído ou sente que não tem espaço no esporte normatizado. Além disso, há todo um sentimento de pertencimento identitário e cultural que une essas pessoas no senso de comunidade celebrado também pela prática esportiva.

Pensando nas performances dos atletas em competições LGBTQ+ e paradesportivas, Camargo (2016, p. 1339) denominou de práticas esportivas dissonantes aquelas “manifestações atléticas que não se enquadrariam nos moldes de reprodutibilidade técnica dos gestos corporais do universo esportivo convencional e que, mesmo assim, obtêm resultados.”. Da mesma forma, nomeou de corpos dissonantes os que desviam do ideal normativo que vigora nas disputas esportivas.

Os trechos a seguir, retirados de reportagem¹⁷ assinada por Isabel Abreu e Mauro Utida, ilustram a diversidade desses corpos e corporalidades: “Em um campeonato com times masculinos de homens cis é muito difícil o MBB passar despercebido, visto que os corpos de seus integrantes estão em diferentes estágios de mudança”; “o MBB está ganhando espaço nos torneios, com capacidade de disputar as competições na chave masculina. Não querem ser vistos como minoria e batalham para jogar de igual para igual, para ganhar respeito nas quadras”.

São corpos e corporalidades dissonantes não apenas pelo fato de serem trans, mas porque são diversos entre seus pares. Há em quadra corpos hormonizados e não hormonizados, gordos, musculosos, magros, de estatura geralmente mais baixa que os

¹⁷ ABREU, Isabel; UTIDA, Mauro. Primeiro time de homens trans do Brasil ganha respeito nas quadras. Mídia Ninja, 2018. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/primeiro-time-de-homens-trans-do-pais-reafirma-seu-direito-a-pluralidade/>>, acesso em 25/04/2020.

adversários masculinos. Há corpos mastectomizados (que realizaram mastectomia/mamoplastia: cirurgias de retirada das mamas) e aqueles contidos por *binders* (faixas que comprimem os seios, dando aparência de um peitoral mais masculino) ou fitas (geralmente de esparadrapo ou elástica que cumprem a mesma função) que acabam limitando os movimentos. É possível que esses jogadores, mesmo compondo o mesmo time, não estejam em nível similar de condicionamento físico e habilidades, e ainda assim há bons jogos, jogadas bonitas e gols.

As diferenças corporais, de performances e de capacidade de disputar competições, dialogam com as premissas das práticas esportivas dissonantes elencadas por Camargo (2016, p. 1339): a) identificação das corporalidades não normativas atentando para a performance dos corpos não normativos no meio esportivo não convencional; b) a aceitação da possibilidade que ocorram práticas esportivas dissonantes inclui deparar-se com a tensão entre assimilacionismo dos sujeitos em relação às práticas convencionais (por exemplo, na execução de gestos, técnicas, uso de vestimentas padronizados) e a subversão delas; c) análise do significado dessas práticas, pois a presença desses corpos ocupando o espaço da prática tem um efeito simbólico importante no universo tão masculino do esporte.

Se levarmos em conta, como afirmamos anteriormente, que o esporte de alto rendimento, aquele institucionalizado e normativo (que possui normas, regras, elementos técnicos específicos e padronizados e regulados por instituições) se coloca como modelo para as práticas esportivas, a existência de times como MBB e das competições em que jogam (que rompem com essa normatividade) possibilita imaginar outras possibilidades para o esporte e para os corpos na arena esportiva.

Corpos dissonantes frequentemente têm interdições no seu repertório de práticas corporais e esportivas. Se pensarmos nos corpos assignados como femininos, uma vivência bem-sucedida no futebol é rara, visto que para esses sujeitos ainda é um desafio cultural/estrutural conseguir jogar bola, como a vasta literatura sobre futebol feminino indica (entre outras, GOELLNER, 2005). Lembremos que já tivemos até Decreto-Lei (que vigorou de 1941 a 1979, portanto, de fim historicamente recente) proibindo a prática do futebol por mulheres no país e que uma federação estadual chegou a exigir que, para poder jogar, as mulheres deveriam

apresentar signos de feminilidade¹⁸. Atualmente tramitam em Brasília decretos que visam proibir atletas trans em competições oficiais nacionais¹⁹.

Não buscamos traçar uma relação causal e direta entre experiências de mulheres e homens trans, mas a interdição cisnormativa do futebol para meninas e corpos designados como femininos pode afastar os jogadores da prática antes mesmo de conseguirem nomear sua identificação com a masculinidade. Outros homens se afastam do futebol ao iniciar a transição de gênero, já que não cabem mais nas equipes femininas, seja por seus novos corpos ou por suas posições subjetivas. Nesse sentido, os times exclusivamente transmasculinos e os que assumem composição diversa (chamados de inclusivos) reabrem a possibilidade da prática esportiva para essas pessoas.

Entendemos que embora a transição de gênero seja uma experiência importante, que inclusive possibilita a nomeação destes como sujeitos trans, ela não é necessariamente o fator preponderante das vidas esportivas dessas pessoas. Os sujeitos se constituem a partir da significação de diversas experiências e suas vidas são atravessadas por escolhas e narrativas que nem sempre partem de situações de violência, tampouco estão relacionadas com seu gênero e/ou sexualidade, assim como acontece com pessoas cis. Atentamos para isso porque todas as matérias trazem falas de entrevistados que contam suas histórias relembrando momentos de violência, algumas relacionadas à transição, mas outras não, e o futebol aparece então como espaço de ressignificação e superação.

Os atos de ressignificar e superar não se dão apenas em termos individuais, mas também tensionando a própria estrutura normativa do esporte. Como coletividade a prática esportiva só faz sentido se experienciada em conjunto com o próprio time e com os adversários.

Os jogadores do MBB relatam nas reportagens que têm apoio de diversos times, mas que já se deparam com a negação e resistência

¹⁸ Como cabelos compridos, uniformes curtos e justos que marcassem os corpos com curvas. A obrigatoriedade estava no regulamento da Federação Paulista de Futebol em 2001, a fim de "melhorar" a imagem do futebol feminino, considerado masculinizado, e assim vender beleza e sensualidade ao público de homens heterossexuais. Dentre as autoras que relembram esse acontecimento ver Pisani (2014) e a reportagem de Arruda (2001) na seção esportiva da Folha de São Paulo, disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1609200119.htm>>, acesso em 02/06/20.

¹⁹ Como o (PL 346/19) de autoria do deputado estadual Altair Moraes (PRB), que tramita na Assembleia Legislativa de São Paulo, disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000261787>>, acesso em 27/04/2020.

de cisgêneros em aceitar jogar contra eles. Outro relato aponta que em uma partida contra uma equipe de homens gays cis foram tratados no gênero feminino²⁰. Esse episódio remete à falta de compreensão e à invisibilização que a população trans muitas vezes tem dentro da própria comunidade LGBTQ+. Sobre o enfrentamento de preconceitos em quadra, os Meninos dizem que esse espaço precisa ser ocupado por eles, que não podem abandoná-lo, pois resistir e se fazer visíveis permite a todos saberem da sua existência e das diferenças de seus corpos, que pertencem igualmente às quadras²¹.

Novamente a precariedade, a vulnerabilidade e a resistência dos corpos trans é invocada. Ocupar o espaço como grupo que luta por visibilidade exige apoio, pois, como nos lembra Butler (2018), o corpo é um recurso esgotável. Esse agir em conjunto

pode ser uma maneira menor de representar o mundo que desejamos ver ou recusar o mundo que está nos matando. Não seria uma forma de exposição e persistência deliberadas, a reivindicação corporificada por uma vida possível de ser vivida que nos mostra a simultaneidade de ser precarizado e agir? (BUTLER, 2018, p.167).

Outra forma de apoio veiculada nas matérias são os ensaios feitos pelos fotógrafos Gui Christ e Isabel Abreu. O primeiro dá projeção internacional²² ao time e a segunda assina uma dessas matérias,²³ afirmando que em quadra os Meninos “Reafirmam seu direito à pluralidade”. E a pluralidade, no sentido arendtiano, é justamente o que caracteriza a condição humana. A pluralidade implica reconhecer que a diferença nos torna singulares e é a igualdade na diferença que nos qualifica para a participação política (ARENDDT, 2013).

Esporte e materiais imagéticos produzem identificação, efeitos de verdades sobre os corpos e, com isso, os educam. Não seria utópico pensar que o fato de nos acostumarmos com a presença desses corpos e corporalidades pode nos educar também para uma outra

²⁰O PRIMEIRO TIME DE HOMENS TRANS DO BRASIL: conheça os Meninos Bons de Bola, Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2018. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/o-primeiro-time-de-trans-do-brasil-conheca-os-meninos-bons-de-bola/>>, acesso em 25/04/2020.

²¹ ABREU, Isabel; UTIDA, Mauro. Primeiro time de homens trans do Brasil ganha respeito nas quadras. Mídia Ninja, 2018. Disponível em: <<https://midianinja.org/news/primeiro-time-de-homens-trans-do-pais-reafirma-seu-direito-a-pluralidade/>>, acesso em 25/04/2020.

²² ABEL, João; STAVRACAS, Yoanna. Conheça o 1º time de homens transexuais do Brasil. Contraponto, 2017. Disponível em: <<http://agemt.org/contraponto/2017/09/24/conheca-o-1-time-de-homens-transexuais-do-brasil/>>, acesso em 25/04/2020.

²³ ABREU, Isabel; UTIDA, Mauro. *op cit*.

sensibilidade que possa promover uma relação ética com essas vidas possíveis de serem vividas, inclusive no esporte.

Para finalizar

A equipe Meninos Bons de Bola se configura como um espaço que, sustentado pelo desejo dos homens trans que têm o futsal e o futebol como potência criativa, pode suportar corpos e corporalidades antes compreendidas como impossíveis no campo esportivo.

A visibilidade dos corpos transmasculinos que ocupam as quadras traz à tona os limites do esporte institucionalizado e também da frágil noção de cidadania de uma sociedade que se pretende democrática, mas que segue elegendo algumas vidas como não dignas de serem vividas. Reunidas no espaço público, essas corporalidades dissonantes forjam a necessidade de criação de outros modelos esportivos e de relações sociais que comportem uma diversidade maior de corpos e experiências, e é aí que para nós reside o potencial disruptivo do futsal do MBB.

Referências

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Tradução de Roberto Raposo; revisão técnica: Adriano Correia).

ÁVILA, Simone Nunes. *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo*. [Tese de Doutorado]. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Trad. Fernanda Siqueira Miguens. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições mundiais esportivas LGBTs*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, out./dez. 2016.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./jun., 2005.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo/matéria, gestos/material: para pensar uma estética dos esportes. *Educação*. vol. 40, n. 1, jan./abr., 2017, pp. 126-135.

PEÇANHA, Leonardo. *Atletas trans e Olimpíadas*: pela inclusão do corpo trans no esporte. 20 ago 2016. Disponível em <<http://leonardombpecanha.pro.br>>. Acesso em: 03/05/2020.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo, *Ponto Urbe*, 14, 2014.

REPOLÊS, Sofia Gonçalves. *Recalculando rotas*: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

TAMBURRINI, Claudio. Are doping sanctions justified? A moral relativistics view. In: *Sport in Society*: cultures, commerce, media, politics, vol. 9, n. 2, apr. 2006, pp. 199-211.

TEIXEIRA, Viviane Silveira; VAZ, Alexandre Fernandez, Doping e controle de feminilidade no esporte. *Cadernos Pagu*, n. 42, jan./jun. 2014.